

Parque Mayer 100 anos - O Esplendor da Revista - Exposição

Organização: Museu Nacional do Teatro e da Dança e pela Câmara Municipal de Lisboa, em parceria com o Centro de Estudos de Teatro

Curadoria: Paula Gomes Magalhães

Lisboa, Praça dos Restauradores, 01/07/2022-31/07/2022

A história do Parque desceu a Avenida

Foi na emblemática Praça dos Restauradores, em Lisboa, mesmo em frente ao edifício que outrora albergava o cineteatro Éden, que a 1 de julho de 2022 se iniciaram as comemorações do centenário do Parque Mayer – espaço cultural privilegiado, principalmente durante meados do século XX, e inaugurado a 15 de junho de 1922.

Organizada pelo Museu Nacional do Teatro e da Dança e pela Câmara Municipal de Lisboa, em parceria com o Centro de Estudos de Teatro, a exposição intitulada *Parque Mayer 100 anos - O Esplendor da Revista*, comissariada por Paula Gomes Magalhães, foi a peça de arranque daquele que seria o mês das festividades dos 100 anos do Parque. Na inauguração estiveram presentes figuras representativas do município; alguns convidados e outros tantos anónimos que marcaram presença, depois de dois anos de privação de eventos culturais.

Num ritmo relativamente apressado (porque havia uma agenda a cumprir), circulámos por entre os cerca de dezoito mupis que foram pensados por Paula Gomes Magalhães para contar a história dos teatros e divertimentos daquele «parque», entre cartazes, fotografias e registos de imprensa. Cada mupi estava equipado com um QR Code que conduzia o visitante à descrição em português e inglês do que podia ser visto nos cartazes.

A nomeação da escritora e investigadora para tomar a dianteira desta efeméride afigura-se pertinente e adequada, uma vez que boa parte da sua carreira académica e literária incidiu nos “loucos anos 20” na cidade de Lisboa e nos teatros de feira – que estariam na origem do que viria a ser o recinto do Parque Mayer enquanto espaço de acolhimento dos divertimentos existentes nas Feiras que, aos poucos, iam sendo encerradas por insalubridade ou excessiva decadência.

Ao percorrer os mupis pela sua ordem cronológica, deparámo-nos com as imagens das antigas Feiras de Agosto, no Parque Eduardo VII, e de Santos, que ilustram as origens da Feira do Parque Mayer e dos seus divertimentos. Com a proposta do encerramento das destas velhas feiras a partir de 1919, por serem antros de imoralidade, surge então o novo espaço que acolheria estes espetáculos e as diversões de outrora – o Parque Mayer. A imprensa da época salientava sobretudo a limpeza e o bom gosto das barracas deste novo recinto, em oposição ao declínio em que caíram os recintos das antigas feiras.

Seguiram-se fotografias do Pavilhão Português – uma das primeiras estruturas a ser edificada já no recinto do Parque e que, pode ler-se, “era um dos mais frequentados espaços” – e algumas das atrações de fenómenos e aberrações, como a Mulher Barbuda ou o Gigante Português, que para ali atraíam a multidão. Passámos pelas primeiras imagens de público dos espetáculos e divertimentos, acompanhámos o nascimento dos vários espaços teatrais que o recinto de diversões foi ganhando e o surgimento do teatro de revista e dos artistas e empresários que por lá passaram.

Se por um lado a escolha das imagens a expor estaria, certamente, limitada ao espólio disponível nos arquivos, por outro, todas pareceram criteriosamente escolhidas, na medida em que apontavam para vários momentos emblemáticos, com datas significativas para o Parque Mayer: o primeiro teatro inaugurado no espaço (Teatro Maria Vitória), o primeiro espetáculo de revista que o inaugurou (*Lua Nova*), fotografias de alguns momentos musicais, projetos arquitetónicos dos vários

teatros do Parque, dos programas, figurinos e grupos de *girls* e os seus ensaios... E por aí seguimos até chegarmos às incontornáveis vedetas que povoaram os palcos do Parque Mayer – Beatriz Costa, Irene Isidro, Satanela... Essa era a mais valia desta exposição – conseguir abranger várias vertentes sob as quais incide a história do Parque Mayer. Pouco ficou a faltar. Mesmo quem desconhecesse a sua história, teria ali um bom resumo iconográfico dos cem anos deste recinto. Se for mesmo necessário apontar alguma falha, assinala-se que podia ter sido mais explorada a vertente da diversão popular do Parque, das barracas e do fervor da multidão que fugia à rotina dos dias para ali terminar a sua noite. Mas compreende-se que possam não existir muitos registos fotográficos de então.

Tive o privilégio de passar pela exposição todos os dias de manhã. Parava sempre por ali para olhar com mais atenção um ou outro cartaz e olhá-los todos com outra luz que não a do entardecer. Geralmente estava acompanhada por turistas que percebiam certamente do que se tratava aquela mostra, mas talvez não da sua importância.

A exposição esteve sempre ali, até ao fim do mês de julho daquele ano, sem horário de encerramento, aberta 24 horas. Sempre sob os olhares curiosos de quem mais circula por aquela praça, que fervilha a qualquer hora do dia, principalmente em meses de verão. É, por isso, incalculável o número de “visitantes” desta exposição, oferecida de forma gratuita a quem por lá passasse e se prestasse a dar-lhe atenção.

Que venham mais cem anos do Parque Mayer, que se continue a dar à Revista o destaque que lhe é devido e que se perca o pudor de falar, apreciar e escrever sobre esta que é uma forte vertente da cultura teatral portuguesa.

Andreia Brito Silva